**MUSEU FREI GALVÃO**
**ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ**
**CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ**
**Praça Conselheiro Rodrigues Alves - 48 - 2º Andar**
**1998** **nº 179**

# DESVENDANDO O MITO

## MARIA AUGUSTA DE OLIVEIRA - A FILHA DO VISCONDE

*O texto que segue é parte de uma carta redigida pelo historiador Carlos Eugênio Marcondes de Moura, a seu primo, Antônio Figueiredo Júnior, os dois descendentes diretos do Visconde de Guaratinguetá.*

"Embora não fosse a mais bela filha dos viscondes, Maria Augusta, desde menina se mostrou muito vaidosa e só queria usar vestidos de seda. Toda manhã, na chácara, uma escrava tirava-lhe a sorte (será que lhe jogava os búzios?).



Ela e tia Miquinha (cognome familiar e carinhoso de Maria Amélia, também filha do Visconde de Guaratinguetá), tiveram como preceptor o famoso sacerdote baiano Monte Carmelo, grande orador sacro, que escreveu um livro muito polêmico em defesa do Arcipreste Joaquim Anselmo de Oliveira, irmão do Visconde.

Monte Carmelo, durante algum tempo, exerceu funções sacerdotais em Aparecida. Um dia, durante a aula, ele tentou certas intimidades com Maria Augusta, que reagiu incontinenti, arremessando um tinteiro em sua cabeça. Forte temperamento!

O Visconde, à morte, arranjou casamento para tia Maria Augusta com o Dr. Francisco Antonio Dutra Rodrigues, lente da Faculdade de Direito, banqueiro e um dos dirigentes do Partido Conservador.

O casal foi residir em um castelinho no longínquo bairro da Penha, em São Paulo. O Dutrinha, como era conhecido em família, logo manifestou grandes pendores pelas escravas da casa. Maria Augusta, criatura de muita personalidade, não se dispunha a aceitar docilmente uma situação dessas. Estava muito longe de se dispor a submeter-se ao papel de esposa resignada, que dela se esperava.

Certo dia anunciou ao marido que ia à cidade fazer compras. Pegou seu cofre de jóias, vendeu-as, tomou um trem até o Rio, embarcou em um navio para a França e nunca mais voltou a ver o Dutrinha, que moveu-lhe um processo de divórcio.

Algum tempo depois Maria Augusta voltou de Paris e passou a residir no Rio de Janeiro, onde teve um caso com o conde de Figueiredo, riquíssimo banqueiro político, que deu-lhe para moradia um palacete em Botafogo. Rompendo com ele, Maria Augusta voltou para Paris, onde passou a residir definitivamente. O conde tomou um navio e foi pedi-la em casamento, mas ela recusou.

A casa de Maria Augusta em Paris era mobiliada com muito gosto e tinha até mesmo uma estufa, cujas paredes eram cobertas de espelhos. Alguns objetos de sua residência ainda se encontram com suas sobrinhas e sobrinhas-netas, em São Paulo, entre eles um prato de prata peruana, com motivos incas, e uma belíssima mobília de quarto, de madeira "palissandre", com embutidos em

marfim (motivos renascentistas - grifos, florões, volutas), composta de espelho de corpo inteiro, guarda-roupa, cama de casal, cômoda e mesinhas de cabeceira, hoje guardada na chácara de Myriam Martins Bonilha de Freitas, em Eldorado Paulista, Santo Amaro. Sua sobrinha D. Genny Rocha Aratangy mostrou-me um reloginho de ouro, com as iniciais de Maria Augusta na tampa, cravejadas de rubi.

Maria Augusta participou, certa vez, da famosa Batalha das Flores, no célebre carnaval de Nice. Ela apresentou-se com um traje cor de violeta, rebordado com essas flores. A carruagem em que desfilou era forrada de veludo dessa mesma cor, em outro tom, e os cavalos que a puxavam iam ajaezados com veludo em ainda outro tom. Maria Augusta atirava violetas para a multidão e ganhou o primeiro prêmio da parada.

Pressentindo sua morte, encomendou o túmulo que se encontra no Cemitério do Senhor dos Passos, aí em Guaratinguetá, em cuja cripta está sepultada. Submeteu-se a uma cirurgia e morreu durante a mesma, em 1891, com apenas 26 anos de idade. No exato instante em que faleceu, o espelho da estufa de sua casa rachou de alto a baixo. Sua governanta, uma senhora francesa, cortou-lhe os cabelos e teceu com eles uma coroa, que acompanhou-a no caixão.

Foi colocada nele com suas jóias, inclusive um colar de pérolas, que ainda se encontra com uma de suas sobrinhas, mas não é usado, pois, devido aos produtos empregados no embalsamento, elas escureceram. Maria Augusta também levava brincos nas orelhas, mas, durante a viagem, o caixão foi violado e os brincos arrancados. O capitão do navio, no qual ela viajara mais de uma vez, decretou luto na passagem do Equador, quando tradicionalmente, são batizadas as pessoas que o cruzam pela primeira vez, em meio a uma grande festa.

Quando o corpo chegou a Guaratinguetá foi um acontecimento

e a estação ficou apinhada de gente. Enquanto a capelinha não ficava pronta, seus restos permaneceram em uma alcova, na chácara dos viscondes. Certa tarde Maria Amélia (Miquinha), que sofrera um aborto, muito febril, viu uma luminosidade intensa envolver a alcova (que avistava de seu quarto) e Maria Augusta levantou-se do caixão, dirigindo-se a ela. "Estou sofrendo muito e não sou santa para permanecer em redoma de vidro. Quero que me enterrem", pediu ela à irmã. Impressionadíssima, tia Miquinha teve seu estado agravado e morreu algumas horas depois.

De nossa prima D. Yvonne de Oliveira Borges da Rocha adquiri um belíssimo medalhão de porcelana, com moldura de prata e o retrato de tia Maria Augusta, pintado por Mathieu Deroche, em Paris, em 1886.

Quanto ao mais, tia Maria Augusta transformou-se em um personagem de lenda..."

## ***NOTAS DO MUSEU FREI GALVÃO***

- As valiosas informações acima vêm enriquecer a monografia "Maria Augusta, a filha do Visconde", de autoria de Maria Isbella Maia Fabiano, também ligada por laços de parentesco ao Visconde. É uma das monografias mais procuradas do Museu. Data de 1991, centenário da morte de Maria Augusta.

- Na 1ª página - foto do medalhão de Maria Augusta pintado em Paris, em 1886, por Mathieu Deroche - miniatura em porcelana, pertencente a Carlos Eugênio Marcondes de Moura .

- Em Paris, Maria Augusta viveu em palacete da rua Alphonse de Neuville - nº 35, rua que ainda hoje conserva suas antigas residências.

- A carta, tema desta monografia, foi publicada na Revista Comemorativa - 90 anos de Tradição e Cultura da E.E.P.S.G. "Conselheiro Rodrigues Alves" (1902-1992). Guaratinguetá.